



**SOBRE O CHÃO DA CIDADE. CONSIDERAÇÕES  
SOBRE A TESE "O DESIGN DO CHÃO: O PAPEL DO  
PAVIMENTO NA CRIAÇÃO DA IMAGEM DA  
CIDADE" BY DANAE ESPARZA**

ON CITY-GROUND. ABOUT THE PH.D. THESIS  
"DESIGNING CITY-GROUND: THE ROLE OF THE  
PAVEMENT IN CREATING THE IMAGE OF THE  
CITY" BY DANAE ESPARZA

**Cristovão Valente Pereira**  
FABUL. Universidade de Lisboa  
[cvpereira4@gmail.com](mailto:cvpereira4@gmail.com)

**Abstract:**

In early July, Dr. Danae Esparza<sup>1</sup> defended his doctoral thesis at the University of Barcelona. The thesis opting to international award required of external reporting.

One of these reports, which we now reproduce, was developed by Dr. Valente Pereira Cristovao Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes.

**Key Words:** pavement, urban design

**Resumen**

A inicios de Julio, la Dra. Dánae Esparza defendió su tesis doctoral en la Universitat de Barcelona. La tesis optaba a la mención internacional requería de informes externos.

Uno de estos informes, el que ahora reproducimos, fue elaborado por el Dr. Cristovao Valente Pereira de la Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes.

**Palabras claves:** pavimento, diseño urbano

*“Enquanto o leão não tiver os seus historiadores, a glória vai sempre para o caçador”<sup>2</sup>*

Numa reflexão que nos apresenta sobre a História da Arte, Remesar (1998, pp. 5–6) sublinha a relatividade dessa História expondo que “el relato del Arte es sólo uno de los posibles relatos a narrar sobre el conjunto de las actividades creadoras que han llevado a cabo muchos hombres, en lugares y épocas distintos.” Na mesma ocasião explica também de que dependerá, para si, sobretudo essa relatividade: “*La producción del conocimiento moderno se ha basado y se basa en determinadas estrategias de poder que han permitido la producción y consolidación de este relato y no de otros.*” Do mesmo modo, estabelece os mesmos factores para o modo como ocorre a produção artística, já que se trata de um resultado de “alguien con *poder* de decisión permite que alguien con *poder*, como capacidad, de ejecución haga la interpretación, lectura, representación de su modo de ver el mundo que, por otra parte, debe compartir en mayor o menor medida con el poseedor del poder fáctico.”

De facto, tradicionalmente, a História que nos é apresentada é quase sempre a dos vencedores, e a História da Arte foca-se sobretudo nas produções que

---

<sup>1</sup> Esparza Lozano, Dánae. El diseño del suelo: el papel del pavimento en la creación de la imagen de la ciudad. Tesis de Doctorado en el programa Espacio Público y Regeneración Urbana de la Universitat de Barcelona

<sup>2</sup> [http://www.rtc.cv/index.php?paginas=21&id\\_cod=2822](http://www.rtc.cv/index.php?paginas=21&id_cod=2822) em 07/06/14

servem, representam, e interessam àqueles que detêm ou detiveram o poder. Pode aceitar-se que será este conjunto de coisas e eventos que de facto vai ter repercussões e que vai moldar o futuro, e logo, constitui o percurso da História; e se a História é também ela própria uma produção, então podemos dizer que seguirá fatalmente esta lógica, configurando-se assim também segundo estes moldes.

Contudo, poderá dizer-se que mais recentemente começou a surgir o interesse em investigar outros temas e contextos da sociedade, o que se pode considerar dentro de uma abordagem que se pretende mais científica, mais rigorosa, mais isenta e até mais democrática. Ou, de novo, segundo um ponto de vista fatalista ou cético e cínico, simplesmente porque o poder mudou de mãos.<sup>3</sup>

Fazer a História com esta maior abrangência será contudo uma tarefa com dificuldades acrescidas, possivelmente porque os registos e a preservação da memória não foram tão dedicados nesse âmbito mais lato. Assim, ao querer, por exemplo, conhecer os utensílios ou o mobiliário doméstico de um modo mais completo, incluindo este tipo de objectos que fizeram parte do quotidiano da esmagadora maioria das pessoas ao longo das épocas, é uma tarefa bastante mais árdua do que considerar apenas o grupo das já chamadas “artes menores”, ou seja, dos vários objectos e sistemas (mobiliário, tapetes, serviços de louça, baixelas, etc.,) que rechearam palácios e castelos.

Neste sentido, assinale-se a escassez de elementos (e de bases em geral) para constituir o que poderá ser denominado como uma “verdadeira” História do Design, de modo mais completo e rigoroso, no sentido e com os conteúdos contemporâneos já referidos. Já agora, repare-se, a instituição do Design, assim como uma maior atenção dada ao tipo de objectos como os anteriormente referidos, e a consequente vontade de manter a sua memória e fazer o seu registo histórico – a sua erudição? – estão relacionados com o evento da industrialização, ou seja, a partir do momento em que a sua produção passou também a ter interesse enquanto instrumento de poder. Talvez este seja também um motivo para a controvérsia ainda existente em relação a que objectos, equipamentos e sistemas podem ser considerados para definir esta área de actividade, de investigação e de ensino, se apenas os que são produzidos segundo este processo industrial, ou se o limite deve ir mais além do que o modo de fabrico.

As cidades são por si também o resultado do exercício do poder (Mumford, 1938) (Broadbent, 1990) (Kostof, 1991). Essa concretização é assim o resultado de uma sucessão das vontades de alguns que se materializaram ao

---

<sup>3</sup> A teoria ou “filosofia” da História, onde são abordadas questões como a sua objectividade e cientificidade, é um assunto de debate e reflexão profundos, como podemos constatar, por exemplo, em (Gardiner & Sá, 1984). Merece por isso uma abordagem mais completa do que aquela que é possível fazer agora.

longo das gerações, constituindo também o conjunto de testemunhos da sua História e da sua memória. Porém, também a existência e perduração deste conjunto depende desse exercício e dessas vontades. De facto, se a cidade é também (ou deve ser) o resultado de um processo contínuo e dinâmico (Lynch, 1990) (Lynch, 2010) (Kostof, 1991) (Shane, 2005), então a cidade será sobretudo o resultado do exercício do poder que vigora hoje.

No entanto, uma cidade é e sempre foi muito mais do que isso. Não é possível dissociar a sociedade humana das cidades, delas depende a vida e o quotidiano de cada um de nós. E, neste sentido, o espaço colectivo/público é um elemento fundamental da cidade sob vários aspectos. É certo que desde sempre este espaço terá sido também ele próprio um local de exercício e demonstração de poder, mas tal sempre sucedeu a par de muitos outros usos, de importância fulcral para a maior parte da população (Valente Pereira, 2012).

Seja como for, parece ser possível afirmar que, mais uma vez, está muito mais constituída a História das cidades sobretudo aos referidos protagonistas: os palácios, castelos e igrejas, as estátuas e os monumentos, as grandes obras e urbanizações, etc. Do mesmo modo, os testemunhos e registos do espaço colectivo/público a que mais facilmente acedemos são os relativos ao poder; pelo contrário, para um registo completo e rigoroso, que inclua devidamente outros usos desse espaço, fundamentais para a vida de muitos, já é necessário um esforço adicional e frequentemente infrutífero.

Será consensual que de facto foi a partir dos anos 60 do séc. XX que surgiu uma nova maneira de estudar e conceber a cidade, mais “virada” para os seus cidadãos, a partir da qual se formaram conceitos paradigmáticos como o da “imagem da cidade”(Lynch, 1990). Foi deste modo que o espaço colectivo/público, assim como os sistemas que o compõem, começaram finalmente a merecer o devido estudo dedicado e específico segundo esta orientação. É neste sentido que se demonstra não só o cabimento, mas sobretudo a necessidade da existência do CerPolis e do programa de Doutoramento em Espaço Público e Regeneração Urbana da Universidade de Barcelona. Tal tem sido confirmado também através da investigação e da restante produção que aí tem sido desenvolvida, da qual passou agora a fazer parte a tese aqui analisada, e que constitui um interessante e importante contributo para este âmbito do conhecimento.

Danae Esparza propôs-se a um trabalho que, conforme afirma logo de início, “dirige una atenta mirada hacia el suelo” (p.3), uma tarefa que, pela lógica do que é apresentado acima e pelos resultados que atinge, se demonstra correcta e já há muito necessária.

Conforme evidencia a tese, o “chão da cidade” tem um desempenho inquestionável no quotidiano de todos e um protagonismo atribuído na identidade de várias cidades. Contudo, poucas vezes tem tido investigação à

altura como agora sucede. Com este desvio do olhar, a candidata apresenta uma maneira diferente de ver as ruas e a cidade, dando ao horizontal a dignidade que habitualmente está reservada ao vertical. Aceita assim todo o trabalho acrescido inerente ao desbravar deste terreno pouco explorado, o que expõe também a falta de estudo sobre este importante assunto.

Trata-se de um tema que mereceu o estudo aprofundado que aqui se analisa. É compilada e organizada uma quantidade notável de informação inédita e indispensável à consolidação de um registo histórico dos pavimentos das cidades. Assim, e também pelos resultados que apresenta, esta tese constitui um importante elemento para o futuro, quer da investigação, quer para da prática da intervenção na cidade.

Contudo, ao longo da investigação apresentada há algumas questões que merecem ser mencionadas, a maior parte das quais deriva de conceitos e definições que mereciam ser apresentados e melhor esclarecidos.

A candidata determina que o seu objectivo principal é “demostrar la importancia del pavimento en la configuración de la imagen de la ciudad”, recorrendo ao conceito proposto por Lynch (1990) e continuado por Brandão (Brandão, 2011),

De recordar que o conceito de imagem da cidade defendido por Lynch refere-se sobretudo à ideia que cada habitante faz da sua cidade (sobretudo na sua vertente física e espacial), à “imagem mental que os cidadãos têm dela” (p.12), à construção individual que resulta da leitura e interpretação e consequente integração dos vários elementos desse território – que resultam como os mais significativos – para assim constituir e estruturar essa ideia. É certo que Lynch considera principalmente os elementos em que cada um repara na cidade no seu contacto quotidiano e directo, e que actualmente é de facto incontornável a influência dos outros meios que temos para conhecer essa realidade, em particular (ainda) a televisão, conforme sublinha Brandão e refere a candidata. É inegável o papel homogeneizador que estes meios têm na construção dessas (e de outras) ideias ou imagens, no entanto um dos propósitos de Lynch com a sua investigação foi, recorde-se também, o de demonstrar a necessidade da existência de uma imagem comum de uma cidade, já que isso nem sempre pode suceder, precisamente porque se trata de uma construção individual.

Lynch não estará assim a considerar a imagem da cidade enquanto aquela que está apenas definida anteriormente, *a priori*, digamos assim “artificialmente”, com o intuito de vir depois a ser divulgada e eventualmente assimilada. Será esse o caso do que sucede com operações de marketing e de turismo, assim como em intervenções efectuadas na cidade, sobretudo nas transformações mais radicais, onde for utilizado um processo “top-to-bottom”, ou menos participado pelos moradores e/ou pelo menos num primeiro momento após a sua concretização. Poderá assim afirmar-se que, à

luz do que propõe Lynch, o resultado dessas operações e dessas intervenções só passa a fazer parte da imagem da cidade quando os habitantes os passam a integrar na sua ideia própria da cidade.

Conforme já foi dito, e a tese merce que se repita, trata-se de uma excelente análise diacrónica, ou mesmo de uma História do pavimento urbano de Barcelona dos sécs. XIX e XX, onde são apresentados vários e importantes dados inéditos. Porém, ao ser evocado Lynch, para se verificar efectivamente os contributos do pavimento para a imagem da cidade, mesmo para o caso concreto de Barcelona, seriam necessários outros meios adicionais, possivelmente análogos aos que este autor utilizou para determinar qual a imagem que têm as três cidades que analisa, podendo esta tornar-se assim uma tese gigantesca e infundável.

Deste modo, no ponto que apresenta *“El panot convertido en icono de la ciudad”* (p.326) *descreve e fundamenta suficientemente como o panot surgiu em Barcelona, porque surgiu e como foi a evolução da sua implantação na cidade. É certo o papel que as iniciativas referidas pela candidata tiveram para a “criação da marca da cidade”, demonstrando assim o seu contributo para a competitividade da cidade; no entanto, ficou a interrogação se o “Ícono de la ciudad”* (conceito que já por si deveria também ser explicado) que apresenta terá que ver com algum tipo reconhecimento que fazem de facto os seus habitantes, ou se será somente um artifício para ser utilizado pelo turismo e o marketing de Barcelona. Fica assim a dúvida se este ícone foi realmente *“reconocido y valorado por sus ciudadanos”* (p.367), conforme a candidata conclui.

Como também muito bem foi descrito nesta investigação, vários foram os pavimentos da cidade que nela se sucederam e que foram aplicados em simultâneo ao longo das épocas, sendo que no Bairro *“Gótico”* o uso da pedra sempre terá sido uma constante. Desta forma, mantém-se ainda a questão se esse papel atribuído ao panot com o motivo da flor será de facto para toda a cidade, ou se se refere ao eixample e à Barcelona moderna.

No fim, a tese demonstra sobretudo que, ao contrário do que normalmente se pode supor, o pavimento de uma cidade não é determinado apenas segundo critérios e opções puramente *“duros”* e funcionais. Pelo menos pela análise dos casos apresentados fica demonstrado o peso da vertente visual, ambiental e paisagística nas opções tomadas pelos políticos e pelos técnicos nas suas decisões e escolhas de projecto. Tal prova de alguma forma a universalidade desta sua importância, ou seja, também para os cidadãos; e também não é difícil aceitar, pela sua omnipresença e grande impacto no campo de visão de muitos momentos no quotidiano de todos, o importante desempenho do pavimento na imagem e na identidade da cidade.

Porém, em vez de afirmar na conclusão taxativamente que o pavimento das cidades é *“un asunto que afecta a la utilización del espacio e interviene en la*

identidad del lugar” será mais correcto dizer que *pode* intervir na identidade do lugar, já que não são reunidos os argumentos necessários para estabelecer a universalidade deste facto, pelo menos para além das duas cidades analisadas detalhadamente e apresentadas na tese.

Por sua vez, para enquadrar o objecto de estudo, a candidata distingue a *“la dimensión visual, relativa a la calidad estética del diseño del suelo, y la dimensión funcional referida a los requerimientos funcionales a los que está sometido el diseño del pavimento”* (P.20). A candidata procura esclarecer melhor esta última dimensão referindo os requisitos físicos e mecânicos relativos às cargas, sobretudo de tráfego, assim como os de drenagem das águas pluviais, entre outras.

Ao longo da tese demonstra-se que estas bases deveriam de facto estar mais bem estabelecidas, o que começaria pelo devido esclarecimento destas dimensões e conceitos. Deste modo, poderia começar por rever o pressuposto de que o projecto (o *“diseño”*) de um pavimento, ou de outra coisa qualquer, está *“submetido”* aos requisitos funcionais. Para as intervenções urbanas, assim como para a actividade de projecto contemporâneo em geral, quer da arquitectura, quer do design, academicamente, pedagogicamente e deontologicamente, é considerado de difícil utilidade ou razão qualquer tipo de *“desenho livre”*, ou seja, sem qualquer condicionante. Por isso, os projectos normalmente considerados como mais exemplares nestas áreas são os que, ao responderem da melhor maneira aos requisitos funcionais, apresentam um *“melhor desenho”*.

Poderá por vezes ser necessário fazer algum tipo de escolha, mas parece discutível definir esta oposição como uma constante. Estamos até a confrontar questões objectivas com subjectivas, que mudam conforme o contexto e a época e por vezes (senão frequentemente) as primeiras tornam-se mais tarde as segundas. Por exemplo, o asfalto nos passeios de Paris, ao ser aplicado ainda hoje, não poder ser considerado apenas o resultado de *“questões funcionais”*; por sua vez, a candidata defende que o *“panot”* é actualmente um importante componente da imagem de Barcelona, mas na sua investigação descreve e demonstra as razões objectivas e funcionais a partir das quais ele surgiu e começou a ser aplicado em larga escala. Pelo contrário, aplicar-se hoje em Lisboa esses ladrilhos ou blocos de betão, em detrimento da calçada portuguesa, será sobretudo dado o seu bom desempenho funcional (face ao seu preço). Porém, não é possível afirmar à partida que isso é forçosamente *“inestético”* ou visualmente e paisagisticamente inapropriado nesta cidade, nem que tal nunca virá a constituir a imagem desta cidade.

Ao referir a seguir as sete funções diferenciadas por Beazley (p.21), a candidata está a referir-se de facto a uma dimensão sobretudo visual, mas que na realidade tem uma forte componente funcional e pouco a ver com qualquer qualidade estética. Porque, de facto, a dimensão visual não é

apenas relativa à qualidade estética, particularmente no caso do pavimento, onde é de extrema importância para o seu bom funcionamento, pelo menos na condução e orientação dos diversos fluxos.

Demonstra-se afinal que acaba por ser pouco útil para a tese evocar as “qualidades estéticas”, muito menos como bases de partida. Trata-se de um tema muito amplo, com profundidade e com alguma controvérsia, principalmente nos casos com uma forte componente social inerente, como o tema em questão. Ao referir que *“La utilización de las losas de piedra de Montjuïc en la pavimentación del casco antiguo prioriza las cuestiones estéticas, con el objetivo de contribuir a la creación de un ambiente acorde con los edificios circundantes”* (p.234), na realidade a candidata está a referir-se a uma prioridade dada às questões estéticas por oposição à funcionalidade (ideia discutível que vimos atrás), já que este pavimento terá um fraco desempenho nesse âmbito. Contudo, e partindo do que a própria candidata apresenta, parece mais correcto afirmar que a escolha do pavimento em pedra, tal como os demais arranjos neste bairro, decorreu sobretudo do seu desempenho visual e ambiental, e até paisagístico.

Esta “substituição” de conceitos básicos acaba por de facto suceder quando a candidata, nas conclusões, refere sobretudo outros conceitos e atributos em relação ao pavimento. Aqui enfatiza o peso das suas qualidades visuais nas cidades estudadas e, conseqüentemente, o importante desempenho no seu ornamento, assim como o contributo para a caracterização da paisagem da cidade e, finalmente, para a identidade das ruas e da própria cidade. Evidencia-se assim a importância destes conceitos para esta investigação, porém, apenas nesta fase final são referidos.

Merecia, de facto, que tivesse sido efectuado um enquadramento teórico mais completo neste âmbito. Seria adequada uma maior reflexão sobre os conceitos utilizados, os quais talvez pudessem começar por ser abordados de modo mais abstracto e geral. Para além disso, dada a forte componente técnica do tema, nesta investigação são naturalmente evocados conceitos e definições deste âmbito. Seria também adequado apresentá-los de um modo mais objectivo e sistematizado, elaborando-se, por exemplo, um glossário, que fixasse e permitisse confrontar os termos técnicos que são enunciados, com os materiais utilizados, técnicas construtivas e de fabrico, etc.

Se o objecto de estudo e a postura da investigadora podem ser aceites como pouco habituais segundo a já referida abordagem histórica tradicional, visto que diz respeito a um elemento de uso directamente relacionado com a maior parte da população de uma cidade, já o modo como a candidata apresenta a sua evolução histórica acaba por nem sempre conseguir fugir a esses moldes.

A “perspectiva histórica” (Cap.1) que apresenta deveria ser justificada. Enuncia *“La salubridad en las calles de las ciudades romanas”* e depois passa



logo para “La pavimentación ornamental renacentista”, justificando que aqui se “inicia la práctica de ornamentar la pavimentación frente determinados edificios”, bem como as influências do seu desenho que mais tarde se verificam, conforme assinala. São assim ignorados cerca de mil anos de História e das suas cidades, e logo, do que sucedeu com o seu chão nesse período. Adicionalmente, se a ocupação moura teve especial impacto na Península Ibérica (sendo até “adoquines” um termo que parece ter essa origem), e se as cidades árabes e mouras têm características únicas e específicas (Broadbent, 1990) , (Goitia, 1996), (entre outros), mais se demonstra necessária a devida abordagem a este período.

Apesar de ser uma obliteração frequente na atrás enunciada abordagem histórica “tradicional”, pelo menos na ocidental, e que ainda hoje é frequente, trata-se de um importante intervalo de tempo na História da Europa, quer pela sua dimensão, quer pela quantidade de eventos e de profundas mudanças sociais que nele ocorreram. Ao ser uma investigação que julgamos propor inscrever-se numa perspectiva histórica diferente, seria necessário, nem que fosse, uma justificação para esta omissão.

De igual modo e pela razão inversa, seria também de justificar a profusa informação – que parece excessiva – sobre os adros e praças da Itália renascentista. Porque, deste modo, surgem várias questões tais como: O que sucedia no restante chão da cidade italiana desta época? Porque apenas são referidas cidades italianas para este período da História? O que sucedeu no chão de outras cidades nesta altura, especialmente Barcelona e Lisboa? Que influências e interações houve na altura?

Em relação ao Capítulo 2 “Evolución del diseño del suelo en Barcelona” também ficam por compreender os critérios para a constituição dos argumentos, nomeadamente que justifiquem que esta análise da evolução do pavimento de Barcelona seja feita apenas a partir do início da sua sistematização no séc. XIX. Nos objectivos específicos é de facto apresentado, “Analizar la evolución del papel del pavimento a lo largo de la historia de Barcelona”, no entanto, fica por explicar porque razão essa análise só se inicia com o séc. XIX, embora a data de 1859, o ano do “*Proyecto de Reforma y Ensanche de Barcelona*” do Ildefons Cerdà, seja relevante como baliza temporal.

Trata-se – diga-se de novo e especialmente em relação a este capítulo – de um bom relato, correctamente detalhado e fundamentado, de interessante leitura e que certamente será muito útil para investigação posterior, pelo menos pela grande profusão de fontes primárias que foram coligidas e são agora publicadas. Refira-se no entanto que, e precisamente pelo seu nível de detalhe, este relato torna-se por vezes menos claro, levando a que o seu leitor se perca com frequência. Merecia uma leitura um pouco mais fácil, possivelmente através da sua redução, pondo algumas das suas partes em anexo, e/ou recorrendo a resumos ou enumeração das principais questões e

factos de cada ponto ou parte apresentada, ou ainda a gráficos como “linhas de tempo”.

Para concluir, cumpre informar que, como resultado final, parece-me ser aqui apresentada uma tese válida e de grande utilidade para a investigação e com grandes contributos para o estudo e para a *praxis* da cidade.

### Bibliografia

- Bourdieu, P., & Ruiz de Elvira Hidalgo, M. C. (1998). *La distincion : criterios y bases sociales del gusto*. Madrid: Taurus.
- Brandão, P. (2011). *La Imagen de la ciudad: estrategias de identidad y comunicación*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- Broadbent, G. (1990). *Emerging concepts in urban space design*. Van Nostrand Reinhold (International).
- Gardiner, P., & Sá, V. M. e. (1984). *Teorias da história* (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Goitia, F. C. (1996). *Breve história do urbanismo*. PRESENÇA II.
- Kostof, S. (1991). *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History* (New edition.). Thames & Hudson.
- Lynch, Kevin. (1990). *A Imagem da Cidade* (Edições 70.). Lisboa.
- Lynch, Kevin. (2010). *A Boa Forma da Cidade*. Retrieved from [http://www.almedina.net/catalog/product\\_info.php?products\\_id=4428](http://www.almedina.net/catalog/product_info.php?products_id=4428)
- Mumford, L. (1938). *The culture of cities*. Retrieved from <http://www.bcin.ca/Interface/openbcin.cgi?submit=submit&Chinkey=23474>
- Remesar, A. (1998). *Hacia Una Teoría Del Arte Público*. (Public Art Observatory, Ed.). Barcelona: Public Art Observatory.
- Shane, D. G. (2005). *Recombinant Urbanism: Conceptual Modeling in Architecture, Urban Design and City Theory*. John Wiley & Sons.
- Valente Pereira, C. de F. M. (2012, September 26). *Processos produtivos e usos do mobiliário urbano. Desafios para a Sustentabilidade do Espaço Público. TDX (Tesis Doctorals en Xarxa)*. info:eu-repo/semantics/doctoralThesis. Retrieved June 16, 2014, from <http://www.tdx.cat/handle/10803/98473>